

O PERFIL E A ATUAÇÃO DO PROFESSOR MEDIADOR

HELVIG, Glaucia Cristina¹

RU: 974147

BANDEIRA, Jucimara de Barros ²

Resumo

O presente artigo tem como temática a mediação, abordando como se dá a interação entre educador e educando na construção de conhecimentos. Para entender este processo é preciso aliar a teoria (palavra) e a prática didático-pedagógica (realidade vivenciada). O objetivo geral da pesquisa buscou apresentar as principais características do professor mediador e especificamente resgatar a historicidade da educação, demonstrando as concepções pedagógicas ao longo dos tempos referentes ao papel do docente e discente no processo escolar. Neste sentido, foi definido o conceito de mediação a fim de compreender as melhorias que se dão no processo de ensino e aprendizagem. Neste contexto, o professor não é visto como o detentor do saber, mas como um mediador do processo de aprendizado, pois o ensino está centrado no aluno, a aprendizagem está na experiência. O professor mediador é visto como aquele que valoriza o potencial do aluno, priorizando uma questão central que é a interação do sujeito com o meio no qual está inserido. Na mediação devem ocorrer trocas recíprocas e constantes uns com os outros, onde os conhecimentos serão assimilados e assim sendo acontece a construção das aprendizagens. Com base nas obras dos teóricos Freire, Saviani, Vigotski e dos autores Budel & Meier, Lima. et.al, Martins, Romanowski e Suhr, a pesquisa possibilitou a investigação em um processo sistemático com finalidade de descoberta e de construção de conhecimentos sobre a mediação entre professor e aluno na busca de uma aprendizagem significativa.

Palavras-Chave: Professor; Aluno; Papel do Professor; Mediação; Ensino; Aprendizagem

1. INTRODUÇÃO

Partindo da premissa acerca do tema “mediação” o objetivo principal em escrever este artigo é compreender e entender o perfil e a atuação do professor

¹Aluna do curso de licenciatura em Pedagogia do Centro Universitário Internacional UNINTER

² Professora orientadora do curso de licenciatura em Pedagogia do Centro Universitário Internacional UNINTER

mediador. Como objetivos específicos investigar como se dá a interação entre educador e educando na construção de conhecimentos, resgatando a historicidade da educação demonstrando as abordagens pedagógicas ao longo do tempo referentes ao papel do docente e discente no processo educativo. Para isso, é preciso aliar a teoria (palavra) e a prática didático-pedagógica (realidade vivenciada), com base em pressupostos teóricos e também em observações realizadas em vivências em sala de aula.

Este trabalho tem como problemática: a “mediação” do professor mediador e como isso contribui para a construção de conhecimentos, buscando inovações para a melhoria do processo ensino e aprendizagem? Para responder à essa questão serão apresentadas as principais características do professor mediador, definindo o conceito de mediação a fim de entender suas implicações no processo de ensino e aprendizagem.

A escolha pelo tema “O Perfil E A Atuação Do Professor Mediador” se deu pelo interesse que tenho em pesquisar sobre a Educação Infantil e os anos iniciais do Ensino Fundamental|. Desde que fiz a primeira formação no curso de Magistério e Adicional em Educação Infantil.

Em toda a minha trajetória escolar e ao realizar os meus estágios obrigatórios pude observar e analisar durante os meus cursos que nem sempre há a mediação entre docentes e discentes, percebi que às vezes falta comprometimento com a educação por parte de alguns profissionais e isso acaba prejudicando o processo de ensino e aprendizagem dos alunos e alunas. O docente com a intenção de buscar inovações e melhorar cada vez mais a sua eficácia no processo de ensino e aprendizagem, formará por meio do diálogo e do respeito cidadãos conscientes, criativos, críticos com visão de mundo que possam fazer a diferença na sociedade.

Ao realizar a pesquisa qualitativa e bibliográfica, com base nas ideias e nas obras dos teóricos Freire, Saviani, Vigotski e dos autores Budel & Meier, Lima.et.al, Martins, Romanowski e Suhr, pretende-se analisar como ocorre a mediação entre o professor e aluno na construção de saberes e como isso pode contribuir para o processo de ensino e aprendizagem.

2. BREVE CONTEXTO HISTÓRICO: ABORDAGENS PEDAGÓGICAS NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA

A história da educação brasileira menciona algumas tentativas pedagógicas acerca dos modelos educacionais quanto a reformas e métodos variados de ensino, com propostas que foram elaboradas e reelaboradas no decorrer dos tempos.

Por isso é preciso conhecer um pouco de como se deu ao decorrer da história da educação brasileira o ofício de ser professor, das abordagens pedagógicas, do papel do professor em cada teoria da educação, analisando esta trajetória a partir das teorias não críticas até as teorias críticas a fim de favorecer a compreensão de como surgiu a necessidade de um professor mediador que contribuísse para o processo de ensino e aprendizagem.

2.1 CONHECENDO UM POUCO MAIS DA HISTÓRIA DE SER PROFESSOR NO MUNDO E NO BRASIL

Historicamente no que diz respeito à função de ensinar, pode-se ressaltar que é anterior ao processo de criação das primeiras instituições escolares e ao ofício de ser professor.

Uma das formas perfeitas recorrente de se apresentar o começo do ofício de ser professor está no Egito Antigo que estava inerente ao uso do discurso, o falar bem dependia dos conteúdos e objetivos de ensino, preparando assim novos dirigentes para se tornarem os membros dos conselhos formados por nobres. “O ensino era efetuado por prisioneiros de guerras (escravos), pertenciam à elite e tinham influência e poder na nação”. Já na Grécia Antiga um dos princípios fundamentais era formar o homem completo, culto, preparado para cumprir as funções de poder e para usar a fala na política e armas de guerra. “Com ênfase na retórica os nobres e mestres usavam a palavra, a composição do discurso, poemas como condição de um ensino voltado à arte”. (ROMANOWSKI, 2012, p.26).

Ainda segundo a mesma autora, “os romanos e os gregos em se tratando de educação eram muito parecidos pois tinham “os *preceptores*”, que promoviam a formação individual, privada”. (ROMANOWSKI, 2012, p.26).

Entre os séculos XV e XVI, “a Idade Média era voltada para a formação do cristão, os mestres eram os clérigos, padres das paróquias e dos mosteiros”. (ROMANOWSKI, 2012, p.26, 27).

No século XVI, houve uma renovação do ensino e esse passa a ser organizado em escolas, começando a surgir os professores desvinculados da igreja, destacando “Comenius” que é considerado o “Pai da Didática Magna”. Para Romanowski, (2012, p.27) “Comenius propunha um método de ensinar tudo a todos”.

A Contra-Reforma “provocou o surgimento de novas ordens religiosas cristãs como os *“jesuítas”* que passaram a catequizar e a propagar o *“catolicismo”* e foi criado um sistema de regras em todas as escolas e missões jesuíticas”. (ROMANOWSKI, 2012, p.27).

No século XVII, a Revolução Francesa estava se fortalecendo tendo como princípios a institucionalização da educação como função do Estado e na formação dos cidadãos, tendo uma ideia de se criar escolas para a formação de professores laicos e esses seriam professores à serviço do Estado, fortalecendo assim as escolas normais pela Europa e Estados Nacionais. “Neste período houve a necessidade em instruir e manter a instituição escolar como um instrumento que fosse capaz de promover a unidade desejada pela classe burguesa que até então estava no poder”. (MARTINS, 2012, p.34).

No final do século XIX e início do século XX, “ a Revolução Industrial passa a exigir mais sincronização do trabalho”. (MARTINS, 2012, p. 38). Assim sendo foi ampliado à função da escola como instrução básica para formar operários para as fábricas e também na urbanização a educação passa a ser solicitada pela população.

A partir de estudos realizados acerca do tema “Mediação” e resgatando a historicidade das abordagens pedagógicas se percebe que há dois grandes grupos de tendências didáticas-instrutivas que norteiam a educação, visando o trabalho educativo realizado nas instituições educacionais com o intuito de cumprir uma função social. Esses grupos estão subdivididos da seguinte forma a seguir.

2. 2 AS TENDÊNCIAS CONSERVADORAS (NÃO CRÍTICAS)

As teorias não críticas perpassam uma época em que a escola seguia os princípios da administração fabril, ou seja, seguia à base de um formato técnico no modelo taylorista/fordista, pretendendo atingir como meta uma padronização dos

processos pedagógicos, com a finalidade de contemplar a escolarização em massa, preparando os indivíduos para a produção voltado em um sistema mecânico.

As concepções não críticas de educação “concebem a sociedade como uma visão entre classes adversas ou grupos fortes que se relacionam à base da força, a qual se manifestam nas condições de produção com vistas a aparatos materiais”. (SAVIANI, 2012, p.04). Dentre elas: a Pedagogia Tradicional, a Pedagogia Escola Nova ou Escolanovismo e a Pedagogia Tecnicista.

2.2.1 Pedagogia Tradicional

A Pedagogia Tradicional surge na Europa no século XVIII a partir do “Iluminismo”³, onde tinha como meta universalizar o acesso do indivíduo ao conhecimento. No ano de 1549 com a chegada dos jesuítas ao Brasil, que tinham como objetivo principal de cristianizar as populações indígenas do território colonial, ensinar a ler e a escrever e catequizar os índios. Com o passar dos tempos utilizavam como base nas escolas e como método de ensino um manual de estudos chamado de “Ratio Studiorum”⁴. Como afirmam as autoras (LIMA, et.al. 2012, p.80), “O Ratio Studiorum é um plano constituído de regras para traçar atividades e estavam diretamente envolvidas com o objetivo de doutrinar as pessoas ao catolicismo”.

No Brasil com a expulsão dos jesuítas pelo Marquês de Pombal “teve início a criação de escolas aonde foram criadas as “aulas régias” (aulas avulsas), ministradas por professores que eram religiosos, intelectuais, leigos, despreparados, tendo apenas o conhecimento de um assunto ou de uma disciplina”. (LIMA, et.al.2012, p.83).

Com a chegada da Corte Portuguesa ao Brasil em 1808 “tinha-se uma preocupação com a escolarização e foi instalado escolas de ler e escrever e foi implementado vários cursos”. (SUHR, 2012, p.31).

Em 1827 foi adotado o “método Lancaster (ensino mútuo) e a escola ainda neste período era para poucos e a maioria da população analfabeta”. (ROMANOWSKI, 2012, p.30).

Com o passar dos tempos foi introduzido as primeiras escolas e se destacava em preparar os sujeitos por meio de conteúdos de transmissão-assimilação, com o

³É um movimento intelectual e filosófico que dominou o mundo das ideias na Europa (1715-1789).

⁴É um Plano e Organização de Estudos da Companhia de Jesus.

propósito de assim assumirem uma posição frente à sociedade. Nessa época eram transmitidos conhecimentos e valores sociais acumulados e advindos das gerações adultas e perpassadas às novas proles como verdades absolutas, pois a criança era vista como sendo menos evoluída, mas tinha capacidade de aprendizagem igual a de um adulto, por isso era chamado de “adulto em miniatura”⁵. Um precursor que se destaca neste contexto é Johann Friedrich Herbart, que faz uma análise sistemática da educação, trazendo grandes contribuições para a Pedagogia como sendo uma ciência.

Nesta fase, na escola a relação do professor com o aluno tinha caráter autoritário, onde a figura do educador era conhecido como um inspetor supremo, o centro do processo, pois é o que detinha e transmitia o conhecimento e o aluno considerado ouvinte, folha em branco a ser preenchida, uma “tábula rasa”⁶, receptor passivo, conduzido por um mestre, onde só decorava e repetia, uma aprendizagem mecânica sem nenhum estímulo, apenas a repetição e a memorização. Os conteúdos eram isolados e com disciplinas específicas, visando as repetições necessárias para preparar o aluno para atuar em uma sociedade com base em um ensino enciclopédico e totalmente desconexo, uma forma fragmentada, isolada, descontextualizada e sem nenhuma articulação com a realidade prática.

A partir de apontamentos feitos pela autora Suhr (2012), pode-se ressaltar que a relação entre o professor e o aluno era extremamente com caráter autoritário, aonde prevalecia somente a palavra dada pelo mestre que era o responsável, controlador e o aluno só recebia as informações, sendo o educador o detentor do saber e o educando como um ser acomodado que apenas reteria as informações transmitidas na sala de aula, memorizando o conteúdo por meio de inúmeras atividades de fixação.

Conforme Suhr (2012, p. 85):

“A relação entre professor e aluno é autoritária e espera-se que estes últimos ficassem em silêncio no decorrer das aulas dadas, sem poder se comunicar com os colegas, a interlocução era somente com o mestre e vigorava na sala um total silêncio, considerado necessário para que os alunos permanecessem quietos e atentos à exposição oral feita pelo professor, portanto, a disciplina era rígida, imposta, sendo permitido inclusive o castigo”.

⁵A criança era vista como um adulto em miniatura, ou seja, era vestida e tratada como um adulto.

⁶É uma tradução em latim que significa “tábua raspada”, e tem o sentido de folha de papel em branco”.

Diante desse trecho acima e como afirma a autora Suhr a escola tradicional é uma educação autoritária com ênfase em um ensino que se dá por meio da cópia e da repetição, o treino fazia parte da aprendizagem, com estimulação negativa, ocasionando a repressão como forma de aprendizado como comunicados aos pais, notas baixas, vigorava também algumas formas de constrangimentos como: as filas dos fortes, dos fracos, colocar orelhas de burro, ficar de pé atrás do armário, palmatórias (bater com a régua na mãos), quarto escuro, se ajoelhar no milho, etc.

2.2.2 Pedagogia Escola Nova ou Escolanovismo

A Pedagogia Escola Nova ou Escolanovismo foi originada na Europa e nos Estados Unidos no final do século XIX, exerceu grande influência no modelo educacional brasileiro na década de 1930, com o “Manifesto dos Pioneiros”⁷ motivando mudanças e confrontos e apontando a escola tradicional que surgiu no século XIII, como sendo inapta e que não promovia a inclusão social.

Esta teoria foi trazida pelo educador e político Anísio Teixeira, que foi aluno de John Dewey que é mais conhecido como o “Pai da Escola Nova”, trouxe uma proposta de renovação de educação e foi introduzida no campo educativo. Há precursores que defendem essa nova proposta educativa como Jean Piaget, Maria Montessori, etc.

A Escola Nova possui duas vertentes: A Diretiva e a Não Diretiva. A Diretiva tem um método de ensino aonde o professor desenvolve seu próprio estilo como sendo um facilitador da aprendizagem, com o propósito de adequar às pessoas em uma sociedade mais igualitária por meio da valorização do conhecimento que o aluno traz consigo, assim a estimulação se dá por meio de iniciativas na construção do conhecimento, as experiências trazidas pelos educandos, sendo trabalhadas em grupos, na autogestão, de modo que é valorizado a descoberta, a pesquisa, o estudo do meio natural e social, o método da solução de problemas.

⁷ Documento lançado em 1932 e escrito por 26 educadores e intelectuais propondo princípios e bases com o título A Reconstrução Educacional direcionado ao povo e ao governo.

A Não Diretiva tem como precursor o psicólogo Carl Rogers que conduzia a aula como se fosse um momento terapêutico no sentido facultativo do que o ensino propriamente dito, enfatizando a função escolar do desenvolvimento psicológico que é mais importante do que os aspectos sociais, assim sendo o professor assume o papel de terapeuta orientando o aluno e criando um ambiente acolhedor propício para se fazer uma autorreflexão.

De acordo com Lima, et. al. (2012, p.91), na Escola Nova ou Escolanovismo:

“Há uma aproximação do interesse e da realidade dos sujeitos com base nas escolhas e na realização de projetos apresentados, pois assim sendo o professor se torna o facilitador da aprendizagem e o aluno é considerado ativo, participativo, construtor do seu próprio conhecimento”.

Nas palavras das autoras é o aprender como uma atividade de descoberta e não de apreensão de algo que é transmitido, é uma aprendizagem como um ato individual, uma construção subjetiva do conhecimento, o crescimento pessoal dos alunos se tornariam assim mais importante do que o conhecimento didático. A ênfase não seria nos conteúdos, mas na forma como se daria os processos de aprendizagem, na conquista e no respeito aos diferentes ritmos existentes na sala de aula.

2.2.3 Pedagogia Tecnicista

Surge após o golpe militar que derrubou o governo de João Goulart eleito pela “Democracia”⁸, foi instituído em 01 de abril de 1964 até 15 de março de 1985 a “Ditadura Militar”⁹, um regime militar comandado por membros das Forças Armadas e que durou 21 anos com caráter autoritário e nacionalista assumindo posições e tomando força, apoiava-se a ideia de que fosse introduzido dentro das escolas uma lógica parecida como a de uma empresa, tornando-a assim com mais eficiência e produtividade.

Nesses anos de turbulência houve um período de extrema insegurança e tinha um processo em busca da racionalização do processo produtivo com vistas a retomada brusca do crescimento econômico, a fim de promover o crescimento

⁸É um regime político em que a soberania é exercida pelo povo.

⁹É uma forma de governo autoritário cujos poderes políticos são controlados por militares.

industrial. Nesse momento, foi implantado o modelo da Pedagogia Tecnicista com o propósito de atingir as medidas tomadas contribuindo com o auge da economia.

Nesta fase, a educação passa a ser vista como um instrumento individual e social, contribuindo como fator primordial de avanço econômico no desenvolvimento do país na obtenção de lucros. O papel da escola consistia em desenvolver competências e habilidades de modo que o comportamento devia ser “*moldado*” de acordo com as técnicas pré-estabelecidas específicas e é implantado um currículo que enfatiza o desenvolvimento do pensamento e de ações instrumentais, com vistas na formação de mão de obra qualificada requerida pelo então mercado de trabalho.

Segundo LIMA, et. al. (2012, p.91):

“Portanto os recursos de ensino e o currículo enaltece a importância de desenvolvimento das competências e habilidades específicas, excluindo aqueles alunos que não estariam aptos para as funções produtivas e também descartando a possibilidade de executar pensamentos dos educandos e estes deveriam apenas expressar e verbalizar o que está dito como verdades, pois os conteúdos são baseados em princípios científicos evidenciados nos módulos e nos livros didáticos”.

Do ponto de vista das autoras no trecho citado acima, desse modo, o professor é visto como um técnico de ensino e o aluno apenas recebe as informações, desconsiderando o seu potencial de criar e recriar, de analisar, pensar e refletir diante dos acontecimentos, só faz determinada função e assim se torna um especialista.

2. 3 AS PEDAGOGIAS PROGRESSISTAS CRÍTICAS-REPRODUTIVISTAS E AS INOVADORAS PÓS-CRÍTICAS

As concepções se destacam por serem aquelas que estão atreladas entre a educação e a sociedade, portanto, isso ocorre conforme o momento histórico, pois ambas estão relacionadas aos interesses da maioria das classes sociais.

As teorias estão subdivididas em: A Pedagogia Libertária, a Pedagogia Libertadora, a Pedagogia Histórico-Crítica.

2.3.1 Pedagogia Libertária

A Pedagogia Libertária surge no início do século XX, relacionada à “filosofia do anarquismo”¹⁰, portanto, em vez do poder do estado, propõe uma organização que se dê pelo consenso, isto é, há uma cooperação entre pessoas autônomas e livres reprovando a atuação do governo, quer dizer, não é simplesmente fazer ou deixar de fazer, mas sim se tem como um objetivo proposto e alcançado contribuir de alguma forma para se chegar ao bem comum e coletivo.

Pode-se definir acima de tudo como princípios educativos para se chegar a transformação, seguindo a base de uma filosofia política de educação.

Conforme Surh (2012, p.142):

“Na perspectiva da Pedagogia Libertária, há uma relação entre professor e o aluno em assumirem as suas características próprias, pois ambos são livres, estando em uma relação em que cabe ao educador catalisar, orientar as reflexões, organizar em conjunto com os educadores os momentos acerca das reflexões a fim de se misturar a eles no decorrer do processo, ou seja, a diretividade do professor não é desejável, e assim sendo deve ser eliminada de qualquer forma de ameaça, coação, obrigação”.

Diante disso, entende-se como isso acontece de fato colocando como papel essencial da escola exercer uma transformação da personalidade do aluno no sentido amplo autogestionário e libertário, utilizando um método de ensino baseado em conteúdos que são colocados à disposição dos educandos, mas não são obrigados, acredita-se que o mais importante é o conhecimento que se resulta por meio de experiências e de iniciativas do aluno na vivência de um grupo.

2.3.2 Pedagogia Libertadora

No início da década de 1960 surgiu a Pedagogia Libertadora baseado em movimentos direcionados a educação de adultos, tendo à frente o autor Paulo Freire manifestando fortes movimentos de cultura popular e tinha como princípio a atuação da educação “*não formal*”, uma preocupação com os excluídos e também se percebia a educação como um ato político, desenvolvendo a autonomia e a emancipação dos

¹⁰Anarquismo é a Filosofia política em favor da liberdade individual, repudiando toda e qualquer forma de autoridade.

educandos em prol da transformação social, propondo desse modo a formação da consciência política do aluno por meio da problematização da realidade.

A partir das palavras de Surh (2012, p.145):

“Por visar nos princípios da conscientização, a relação entre o professor e o aluno assumem características que são bem específicas e horizontal, sem uma hierarquia estipulada e sem diferenciação, de modo que o educador e os educandos fiquem no mesmo patamar, ambos se posicionem como sujeitos envolvidos no ato do conhecimento, ou seja, o professor é o coordenador de debates, estabelecendo assim uma relação horizontal, adaptando-se as características e necessidades de um grupo”.

Como afirma a autora, a Pedagogia Libertadora liderada por Paulo Freire teve como princípio que os educandos se posicionassem e se reconhecessem enquanto sujeitos históricos e sociais, capazes de transformar a realidade de uma sociedade.

Esta pretendia por sua vez e de certa forma acabar com a educação “elitista”¹¹, predominante embora tenha alcançado a educação formal, não tinha foco inicial essa realidade, mas com um objetivo central atingir sim os grupos de cultura popular, adultos que se reuniam em associações, igrejas, sindicatos, etc. Por isso, não fazia parte de suas formulações e pretensões a preocupação com a presença de um profissional como o pedagogo para ministrar os encontros na busca de educação.

2.3.3 Pedagogia Histórico-Crítica

A Pedagogia Histórico-Crítica surge no período de redemocratização do país no começo do ano de 1979 começa a se fortalecer e a ser incluída um movimento na busca de uma educação com condições de acesso à população, com o propósito de contribuir com uma escola pública com atrativos de uma educação com princípios de igualdade e de qualidade, gerando assim como forma de favorecer para uma transformação das relações sociais injustas, enfatizando que os conteúdos culturais e universais deveriam ser atrelados e trabalhados os ensinamentos com base em uma relação direta e recíproca entre as experiências trazidas da realidade social confrontando com o conhecimento sistematizado no âmbito educacional.

¹¹Sistema embasado em favor de minorias, constituído por membros da Aristocracia ou Oligarquia.

“A relação entre o professor e o aluno deve ser interativa, ambas as partes são sujeitos do processo de ensino-aprendizagem, mas com papéis distintos, o educador é a autoridade competente, direciona o processo pedagógico, interfere e cria várias situações e condições necessárias para a apropriação do conhecimento”. (SUHR, 2012, p.156).

A partir dos apontamentos feitos pela autora percebe-se que a escola é o lugar do convívio social, onde consiste em uma visão assistencialista, centrada no todo e no bem-estar, na atividade, fazendo parte do processo social.

Dentre os principais precursores que apoiam essa concepção pedagógica estão: Antonio Gramsci, George Snyders, Lev Semyonovich Vygotsky, Dermeval Saviani, José Carlos Libâneo, Paulo Freire entre outros.

Nas palavras de Freire (1996, p. 23), “destaca que quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”.

Para Martins (2012, p.20) os autores Libâneo & Saviani “propõem que a relação entre o professor e o aluno deve se dar na forma horizontal, pois o educador ao mesmo tempo que ensina pode e deve também aprender com o aluno, discutem como se dá a crítica”. Essa tendência pedagógica busca a criticidade e compreende a instituição de ensino como um espaço social que seja responsável pela difusão e socialização dos saberes no coletivo. Portanto, há uma articulação entre o ato político e pedagógico.

O papel do professor é ensinar mais também é aprender é como um aprendiz, criador de desafios, estimula a investigação do aluno, é ativo, é o centro do processo, participativo, tem autonomia, aprende em conjunto a produzir o conhecimento, aprende a aprender.

3. O PERFIL E A ATUAÇÃO DO PROFESSOR MEDIADOR

Nos últimos tempos, a sociedade tem questionado a importância da escola e seu papel na formação da criança e do adolescente, justamente pelos sistemas de ensino apresentarem fragilidades relacionadas à estrutura das escolas, à valorização dos educadores e tantas questões adversas que assolam o país.

Esse cenário faz com que tantos educadores como demais membros da sociedade civil passem a duvidar até que ponto a educação formal no espaço escolar é indispensável à formação do indivíduo. Há aqueles que acreditam ser o espaço

domiciliar um lugar de proteção à criança e que a educação acadêmica também deve ser função dos pais. Desse modo, uma das questões colocadas em xeque é o papel do professor, que é o profissional da educação especializado na docência.

O valor desse profissional é inegável dentro do espaço escolar, pois durante toda a sua formação, seja inicial ou continuada, é capacitado para planejar aulas, traçar objetivos, escolher melhor o encaminhamento metodológico e avaliar. Além disso, tem a capacidade de mediar o processo pedagógico, que é um excelente recurso para promover a aprendizagem do sujeito, fato comprovado por vários teóricos da área da educação e que serão apresentados neste trabalho.

Conforme Ausubel (citado por NOGUEIRA; LEAL, 2015, p. 226), “(...) cabe ao professor proporcionar situações de aprendizagem que envolvam sentido, significado, propondo que sejam valorizados os conhecimentos prévios dos alunos”. São aqueles já existentes, para que, no decorrer do processo possam construir e reconstruir as estruturas mentais que permitam descobrir e redescobrir outros saberes.

Assim, para Nogueira e Leal (2015, p. 214), “o professor conseguirá, além de identificar a estrutura básica da sua disciplina, facilitar o sistema de informações por parte do aluno, para que ele possa aprender de forma significativa”.

Por essa razão o professor não é visto como o detentor do saber, mas como um mediador no processo de aprendizado, pois o ensino está centrado no aluno, a aprendizagem está na experiência e aprende a aprender. Em suas palavras: “o professor deve ser capaz de atitudes essenciais, entendendo a si próprio como mediador da aprendizagem, e não como o centro do processo ou como o detentor do saber”. (ROGERS, apud NOGUEIRA; LEAL; 2015, p.226).

Um dos maiores estudiosos da mediação é Vigotski (2008) e, para ele o professor é visto como um mediador: é aquele que valoriza o potencial do aluno, priorizando uma questão central que é a interação do sujeito com o meio no qual está inserido, trocas recíprocas e constantes uns com os outros, onde os conhecimentos serão assimilados e assim sendo acontece a construção das aprendizagens. “O nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes”. (VIGOTSKI, 2008, p. 97)

Outro importante teórico que desenvolveu pesquisas sobre a mediação e especificamente sobre o perfil e atuação do professor mediador foi Reuven Feuerstein. Para ele, a mediação é vista como uma proposta metodológica, é uma

interação com princípio da qualidade entre o professor e o aluno. “(...) possui algumas qualificações chamadas de critérios ou características da mediação da aprendizagem, e com a intenção de melhorias no processo de aprendizado”. (FEUERSTEIN, citado por BUDEL & MEIER, 2012, p. 125),

A fim de aprofundar os estudos sobre a mediação e caracterizá-la de forma mais minuciosa, em busca de respostas ao problema da pesquisa, é importante compreender o processo de solidificação da educação formal, assim como as abordagens pedagógicas, que são históricas, políticas e sociais.

4. A MEDIAÇÃO COMO FORMA DE CONTRIBUIÇÃO PARA A BUSCA DE MELHORIAS NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

Antes de começar a descrever os critérios ou características apresentados pelo autor Reuven Feuerstein é preciso conhecer o significado do termo “mediação” que em geral, refere-se como sendo uma relação entre o professor e o aluno e como isso reflete no processo de construção de conhecimentos, partindo em cima de reflexões críticas e de experiências no processo do trabalho pedagógico.

Ao realizar estudos sobre a “mediação” é importante se perguntar por que é necessária a mediação e de que maneira fazê-la a fim de estabelecer o vínculo entre o professor e o aluno e desta forma como ocorrerá o aprendizado.

Segundo Feuerstein, “a mediação é uma interação especializada, de maior quantidade, qualificada por posturas específicas denominadas “critérios ou características da mediação”. (FEUERSTEIN apud BUDEL & MEIER, 2012, p.125).

Feuerstein estabeleceu 12 critérios ou características de mediação, contudo considera-se que três deles são entendidos como “universais”, ou seja, estão presentes em toda mediação ocorrida na relação entre professor e aluno, são eles: intencionalidade e reciprocidade, mediação do significado e transcendência A seguir uma lista completa com as 12 características da mediação propostas por Feuerstein:

As 12 características da mediação:1. Intencionalidade e reciprocidade;2. Mediação do significado;3. Transcendência;4. Mediação do sentimento de competência;5. Mediação da autorregulação e do controle do comportamento;6. Mediação do comportamento de compartilhar;7. Mediação da individuação e da diferenciação psicológica;8. Mediação da busca,do planejamento e do alcance dos objetivos;9. Mediação da busca pela adaptação a situações novas e complexas: o desafio;10. Mediação da consciência da modificabilidade;11. Mediação da alternativa positiva;12.

Mediação do sentimento de pertença. (FEUERSTEIN, (1997) apud BUDEL & MEIER (2012).

De acordo com Feuerstein, a intencionalidade diz respeito ao fato do professor pensar e agir com intenção, procurando metodologias adequadas e fazer tudo o que estiver ao seu alcance para que realmente o aluno aprenda os conteúdos. A reciprocidade é identificada quando o professor conquista a vontade do aluno em aprender, incentiva, motiva, elogia, provoca, é a interação entre o professor e o aluno e o discente demonstra interesse pelas atividades propostas pelo docente.

Em relação a mediação do significado o autor esclarece que são as perguntas, os questionamentos que o professor se faz a ele mesmo, se o que ele propõe tem realmente significado para todos os alunos, ou seja, é uma reflexão acerca de suas práticas. O objetivo maior do professor é ensinar os conteúdos que façam realmente sentido e que tenham significado, facilitando as conexões já existentes, para que o aluno aprenda usando a interdisciplinaridade e buscando aprendizados por meio de experiências significativas.

A Transcendência que também é chamada também por muitos especialistas de “*transferência*”, ultrapassa o objetivo inicial do professor, proporcionando assim inúmeras possibilidades de o aluno ir além do previsto por ele.

Como visto acima, as três principais características intencionalidade e reciprocidade, mediação do significado e transcendência por apresentarem um estimado grau elevado de importância que tem na aprendizagem, pode promover um aumento da qualidade de ensino. Neste sentido, quando ocorrer pelo menos as três principais características na relação professor e aluno, haverá a mediação.

A mediação da aprendizagem no entendimento do autor apresenta-se de forma com princípios “universais”¹² que o professor tenha a intenção de melhorar cada vez mais a sua eficácia no processo ensino-aprendizagem. Assim sendo, a mediação da construção do vínculo do professor e o aluno são fundamentais para que aconteça a motivação para aprender de forma significativa e com qualidade.

¹² Os princípios universais são resultados nas percepções e aplicáveis no comportamento visando adaptações e chamados de aprendizagem.

5. METODOLOGIA

A partir de minha trajetória escolar e na realização dos meus estágios obrigatórios, percebi por meio de observações que há a necessidade em analisar e descrever sobre o perfil do professor mediador e a sua atuação em sala de aula, abrangendo as atitudes que se faz necessário na prática didático-pedagógica. Por isso, escolhi a temática envolvendo a mediação entre o professor e o aluno para que de fato ocorra em sala de aula o ensino e a aprendizagem. Para nortear a minha pesquisa utilizei neste trabalho as minhas vivências e também pressupostos teóricos, aliando desse modo a teoria que são as palavras e a prática que é a realidade vivenciada, portanto pude refletir sobre aspectos que envolverão a minha formação e percebi a importância da pesquisa para o meu desenvolvimento e de minha carreira profissional.

Este trabalho foi realizado por meio de pesquisa qualitativa buscando dados descritivos e de interpretações e pesquisa bibliográfica, a partir de publicações de livros, artigos e materiais disponibilizado na internet. A pesquisa e ou investigação consiste como sendo um processo sistemático com finalidade de descoberta e de construção de conhecimentos.

Segundo JUSTINO (2013, p. 27, 28), “a pesquisa pode ser classificada em qualitativa, porque há uma interpretação das funções de significado e também dos fenômenos que são extremamente básicos para o processo pesquisado”.

Por meio da pesquisa o pesquisador se aproxima com o novo e entra em contato direto com a realidade servindo como experiências, aprimorando desse modo a sua prática profissional.

Nas palavras da autora percebe-se que há um vínculo entre a subjetividade do pesquisador e o meio pelo qual se está sendo pesquisado, sendo estes analisados e traduzidos por dados descritivos, tendo assim desse modo o enfoque interpretativo dos fatos ocorridos. Dessa forma, a pesquisa possibilita a motivação de um assunto pelo qual se tem interesse e está relacionado a busca de melhorias contribuindo assim para o desenvolvimento social.

Na realização da pesquisa foram utilizadas as obras dos seguintes autores: Budel & Meier (2012); Freire (1996); Lima et al (2013); Martins (2012); Nogueira & LEAL (2015); Romanowski (2012); Saviani (2012); Suhr (2012); Vigotski (2008).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste item serão apresentadas de forma organizada as constatações sobre as reflexões sobre a prática observada e realizada acerca da temática “mediação”. O interesse e participação durante os estágios e na trajetória de formação foram efetivas e muito importantes para a compreensão e interpretação do tema abordado.

A escolha pelo tema “O Perfil E A Atuação Do Professor Mediador” se deu pelo interesse que tenho em pesquisar sobre a Educação Infantil e os anos iniciais do Ensino Fundamental |. Desde que fiz a primeira formação no curso de Magistério e Adicional em Educação Infantil.

O papel do professor é fundamental pois ele é a base da relação sendo que esta depende de sua mediação e de suas atitudes envolvendo a maneira de se dirigir ao aluno, seja falando, ouvindo e até mesmo os acontecimentos vividos no dia-a-dia em sala de aula.

Desta forma, a problemática estabelecida inicialmente se a mediação do professor contribuía para a construção de conhecimentos e para a melhoria do processo ensino e aprendizagem, foi respondida pois a mediação da aprendizagem apresenta-se de forma que o professor tenha a intenção de melhorar cada vez mais a sua eficácia no processo de ensino e aprendizagem. A construção do vínculo do professor e o aluno são fundamentais para que aconteça a motivação para aprender de forma significativa e com qualidade.

Desse modo, algumas indagações e as observações foram fundamentais para compreender que o processo de aprendizado abrange em si inúmeras ações conjuntas, sendo assim, o papel real do professor na educação.

Enquanto futura professora ou pedagoga pretende-se colocar em prática todo o conhecimento adquirido durante todos os meus cursos, pois desde cedo é preciso formar cidadãos competentes, conscientes, criativos, críticos, questionadores, pensantes com visão de mundo e que possam fazer a diferença na luta por uma sociedade mais digna, igualitária, justa para todos.

Nesse sentido, este trabalho possibilitou analisar como é a mediação e por meio dessa pesquisa foi possível concluir que o processo de ensino e aprendizagem não ocorre isoladamente e é preciso construir uma relação entre o professor e o aluno e que entre eles haja diálogo, respeito, pois por meio da relação entre o educador e o educando se dará a construção dos conhecimentos.

REFERÊNCIAS:

BUDEL, Gislaine Coimbra; MEIER, Marcos. **Mediação da aprendizagem na Educação Especial**. Curitiba: Ibpex, 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

JUSTINO, Marinice Natal. **Pesquisa e recursos didáticos na formação e prática docentes**. 1ed. Curitiba: Intersaberes, 2013.

LIMA, Michelle Fernandes; ZANLORENZI, Claudia Maria Petchak; PINHEIRO, Luciana Ribeiro. **A função do currículo no contexto escolar**. 1 ed. Curitiba: Intersaberes, 2012.

MARTINS, Pura Lúcia Oliver. **Didática**. 1 ed. Curitiba: Intersaberes. 2012.

NOGUEIRA, Makeliny Oliveira Gomes; LEAL, Daniela. **Teorias da aprendizagem: um encontro entre os pensamentos filosófico, pedagógico e psicológico**. 2 ed. Curitiba: Intersaberes, 2015.

ROMANOWSKI, Joana Paulin. **Formação e profissionalização docente**. 1 ed. Curitiba: Intersaberes, 2012.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e Democracia**. 1 ed. Campinas: Autores e associados Ltda, 2012.

SUHR, Inge Renate Fröse. **Teorias do conhecimento pedagógico**. 1 ed. Curitiba: Intersaberes, 2012.

VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.